



A FAMÍLIA COMO MEIO SOCIALIZADOR E INTEGRADOR DA APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS

Luciani Maria Neri da Silva*

Lenir Guedes Alves**

RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo investigar os fatores que estimulam o comportamento agressivo partindo da criança. Justifica-se a relevância da pesquisa por entender ser uma problemática que vem se agravando nos últimos tempos e preocupando a comunidade escolar. Diante das observações em sala de aula, questionários aos pais, percebemos haver uma preocupação da família que não sabem como lidar com os filhos e seus comportamentos agressivos. Após estudos, concluímos que deve haver compreensão por parte dos professores, pois é possível mudar esse quadro trabalhando em parceria com as famílias, uma vez que demonstraram-se preocupadas, o professor sozinho não obterá resultados positivos.

Palavras-chave: Aprendizagem. Agressividade. Aluno. Família.

1 INTRODUÇÃO

O tema indisciplina tem sido muito recorrente a reclamação de professores da Educação Básica e outras pessoas que se ocupam de cuidar de crianças nas séries do Ensino Fundamental. A ansiedade e a indisciplina tem sido objeto de muitos estudos, uma vez que tanto pais como educadores vêm-se muitas vezes envolvidos com tais problemas e verificam

* Graduada em Licenciatura Plena no Curso de Pedagogia, 2006 pela UNIVAG - Centro Universitário de Várzea Grande-MT. Pós-graduação *Latu Sensu* em Alfabetização e Educação infantil.

** Graduada em Licenciatura Plena no Curso de Pedagogia, 2012 pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Sinop-MT. Especialização em Psicopedagogia pelo Instituto Várzea Grande de Ensino, IVE, Brasil.

sua impotência na resolução dos mesmos. O comportamento indisciplinado parece fazer parte do cotidiano das crianças, em maior ou menor grau.

A escolha deste tema surgiu das preocupações sentidas enquanto professoras observando o comportamento indisciplinado dos alunos do ensino fundamental. Presenciando diariamente situações de agressões verbais e físicas entre os alunos, desmotivação para estudar, ou seja, alunos dispersos, sem disciplina, destruindo materiais e discutindo a todo momento sem prestar atenção nos conteúdos que estão sendo aplicados e conseqüentemente, sem compreender e/ou aprender o que está sendo ensinado por parte do professor. Por isso, busca-se estar proporcionando aos educadores, pais e alunos a possibilidade de trabalharem com atividades que sejam instigantes e agradáveis, de forma que seja uma descoberta prazerosa para o aprendizado de novas atitudes e comportamentos. Pressupõe-se que trabalhar em parceria, escola e família, tornará possível desenvolver um trabalho que possibilite ao aluno a apropriação dos saberes com melhor aproveitamento de conteúdos, conceitos, valores e atitudes.

Justifica-se o tema escolhido, pelo fato da indisciplina ser um assunto de grande interesse no âmbito educacional, uma vez que o número de crianças que apresentam comportamentos agressivos, não somente na escola como também em casa e no convívio social em geral, preocupando pais e educadores, desafiando-os a compreenderem suas causas para poderem contribuir de forma a formação de um cidadão crítico participativo na sociedade.

Supõe-se que a agressividade seja um problema social e que os educadores e pais pouco sabem como lidar com a situação. Por isso, o presente projeto busca resposta para o seguinte problema: Como a família pode tornar-se um meio socializador e integrador da aprendizagem de alunos com comportamentos agressivos?

O objetivo da presente pesquisa é analisar quais são as principais causas que levam a comportamentos dos alunos agressivos e como pais e educadores podem intervir para amenizar tais comportamentos e atitudes. Para que o mesmo fosse possível de ser compreendido delimitou-se ainda os seguintes objetivos específicos:

- Identificar quais são os fatores que contribuem para a agressividade dos sujeitos da pesquisa;
- Verificar quais são as estratégias de ação para amenizar comportamentos negativos e desenvolver atitudes e ações positivas;
- Relacionar a importância da participação familiar na aprendizagem dos alunos.

Enquanto metodologia, optou-se pela pesquisa bibliográfica e de campo, a primeira

teve um cunho qualitativo, realizada em livros, revistas e sites. A segunda apresenta um cunho analítico, sendo analisados dados e informações coletadas através da aplicação do questionário a dez (10) famílias sobre o tema abordado. Assim, mediante a conhecimento e compreensão da relação teoria e prática, elaborou-se o presente trabalho de conclusão de curso, o qual vem acompanhado de aportes teóricos e interlocuções com os saberes das autoras.

2 CONCEITO HISTÓRICO DA FAMÍLIA

A partir das últimas décadas do século XIX, identifica-se um novo modelo de família no Brasil. Com a Proclamação da República, o fim do trabalho escravo, as novas práticas de sociabilidade, dá-se então o início do processo de industrialização, urbanização e modernização do país, constituem uma área fértil para proliferação do modelo de família nuclear burguesa, originária da Europa, constituída por pai, mãe e poucos filhos. O homem continua detentor da economia e “rei” do espaço público; enquanto a mulher assume uma nova posição; “rainha do lar”, dentro do espaço privado da casa. Desde cedo, a menina é educada para desempenhar seu papel de mãe e esposa, zelar pela educação dos filhos e pelos cuidados com o lar.

No âmbito legal, a Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 05/10/1988, aborda a questão da família em vários artigos, como tais; Art.5º, 7º, 201º e 226º a 230º.

No Art. 226. Deixa clara a importância da família no contexto da sociedade e a sua proteção aos seus membros.

Art. 226: A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

§ 3.º Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre homem e mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.

§ 4.º Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

§ 8.º O Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações.

Ainda no Art. 227, vemos os deveres da família, da sociedade e do Estado, para com as nossas crianças e adolescentes, assegurarem os seus direitos à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar.

Nos últimos vinte anos, várias mudanças vem ocorrendo no plano sócio-político-econômico, relacionadas ao processo de globalização da economia capitalista que vem interferindo na estrutura familiar e possibilitando mudanças em seu padrão tradicional de organização.

O que se percebe é que as famílias vêm sofrendo constantes transformações e o que antes ‘família’ era uma numerosa quantidade de pessoas (pai, mãe, filhos), hoje cada vez mais o número de pessoas dentro do contexto familiar é menor e pode ser formado por laços de sangue ou não e, até mesmo por pessoas do mesmo sexo.

É a família que, desde o nascimento da criança e/ou até mesmo na vida ‘uterina’, que passa para ela confiança e estrutura psicológica, emocional para se desenvolver socialmente.

Assim sendo, a família é a base da vida da criança. A maneira como ela é formada e o meio que a cerca, assume igualmente, um papel importantíssimo, já que a mesma ampara o comportamento e o sentido de identidade da criança.

As relações familiares dentro do meio social em que a criança está inserida torna-se as primeiras referências da mesma. Com o passar do tempo, a criança deixa de participar apenas da rotina familiar e começa a frequentar uma nova rotina. É dever da família participar do processo de escolaridade, sendo de suma importância sua presença no contexto escolar. Lembrando que tal dever é reconhecido na Legislação Nacional e nas Diretrizes de Bases da Educação aprovadas no decorrer dos anos 90, tais como:

- O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069/90, no artigo 55, reforça os dispositivos legais ao determinar que “[...] os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino”. Também nessa década, documentos como a Declaração Mundial de Educação para Todos (1990) e a Declaração de Salamanca (1994) passam a influenciar a formulação das políticas públicas da educação inclusiva.

Por meio dessas matrizes curriculares, todo cidadão tem direito de acesso, acompanhamento e permanência no ensino público, sendo assim, cabe aos pais e educadores encontrarem alternativas para que o mesmo não seja excluído pelo meio educacional e social.

2.1 CONCEITUANDO A AGRESSIVIDADE E O COMPORTAMENTO AGRESSIVO

A agressividade é natural ao homem, diz Train (1997, p. 45), “se nascêssemos sem a agressividade, seríamos incapazes de sobreviver durante os primeiros estágios de vida e posteriormente, não poderíamos progredirem nosso desenvolvimento”. Geralmente, em sala

de aula, os momentos de agressão ocorrem quando um aluno consegue dispersar-se dos demais. Segundo Mielnik (1982, p. 156) “[...] a agressividade, ou seja, a libertação dos impulsos agressivos procura defender a sensação individual e de libertação que a criança procura, efetivamente, desde seu nascimento. À medida que a criança se civiliza pelo meio ambiente em que vive”.

Para diminuir a dificuldade dos alunos que estão agindo com agressão, não são necessárias medidas rigorosas ou proibições. Isso não quer dizer que sejamos complacentes, permitindo que a criança faça tudo o que tem vontade.

Segundo Cury (2003, p. 16) “Cada hábito praticado pelos educadores poderá contribuir para desenvolver características fundamentais da personalidade dos jovens.” Sendo esse o papel do educador no ambiente escolar, assim, a escola torna-se um ambiente adequado para que a criança sinta-se bem.

Portanto, quando alguém pratica um ato de agressão, o melhor é não agir da mesma forma, pois só fará com que a frustração seja acentuada, ocasionando assim mais agressão. Muitas vezes, deparamos com situações de agressão com um aluno e não sabemos como agir, principalmente quando esta agressão está dirigida a nós.

Grande parte do comportamento agressivo resulta de práticas sociais que o reforçam. Aquele que, por exemplo, excede os limites, pode estar fazendo uma manifestação de padrões de reação adquiridos numa família que encoraja tal comportamento.

A agressão também funciona como um desejo de afirmar-se ou exibir-se perante os outros. Assunção e Coelho (1996, p.175), cita que os indivíduos agressivos são oriundos, de ambientes onde há:

- Rejeição dos pais ou parentes;
- Excessiva tolerância à agressividade;
- Falta de supervisão dos pais ou responsáveis;
- Discórdias em família.

Esses dados citados acima são frequentes nas vivências destas crianças, pois o convívio social e os fatores instigadores de agressão no lar contribuem para o desenvolvimento da agressividade desses alunos.

Para Train (1997, p. 81) “em muitas famílias nas quais uma criança agressiva é perturbada, existe um alto nível de interação violenta entre os membros da família.” Todos os seres humanos e também os animais, trazem consigo um impulso agressivo, não sendo preciso de ser evitado, portanto é algo natural.

2.2 A AGRESSIVIDADE E A PRÁTICA EDUCACIONAL

Na prática educacional, muitas vezes nos deparamos com dificuldades que as crianças têm em lidar com as regras de jogo ou sociais. Pois, em cada período do desenvolvimento humano apresentam diferentes comportamentos, alguns muito próprios de cada fase devendo ser no que diz respeito às relações da criança com os outros.

Piaget (1974), a partir de seus experimentos e observações, propôs que a forma pela qual às crianças lidam com as regras, com a justiça e a moral varia no decorrer do processo de seu desenvolvimento.

Como se sabe, Piaget foi um pesquisador que se interessou em realizar estudos sobre a inteligência humana, para ele a aprendizagem é o conjunto de mecanismos que o organismo movimenta para se adaptar ao meio ambiente, afirmando que a aprendizagem se processa através de dois movimentos simultâneos e integrados, mas de sentido contrário, que para o seu desenvolvimento de aprendizagem: maturação, meio físico e ambiente social. São: assimilação e acomodação, como também determina três fatores essenciais: assimilação, acomodação e socialização.

A Assimilação: processo pelo qual as coisas, pessoas, ideias, costumes e preferências são incorporadas à atividade do sujeito. São conceitos previamente aprendidos que permitem assimilar novos conceitos.

Acomodação: é um processo ajustador que consiste em dirigir-se para o meio, transformando sua própria estrutura dos objetos que serão apreendidos. A mente assimila o mundo exterior, através de um processo de percepção, de interpretação, de assimilação à sua própria estrutura.

Segundo Piaget, o que importa não é o conteúdo da regra mas a forma como a criança segue a regra, no que diz respeito aos aspectos da adesão e da compreensão nos diferentes estágios de seu desenvolvimento.

Além desse autor, outros estudiosos do assunto desenvolveram pesquisas à respeito do desenvolvimento infantil, dentre eles podem ser citados Vygotsky e Emília Ferreiro, estes dois acrescentaram outros conhecimentos nas teorias desenvolvidas por Piaget sobre a construção do conhecimento da infância.

De acordo com autor mencionado, o desenvolvimento infantil se processa na sua interação com o mundo. Assim as ações de pegar, correr, rolar, sugar, andar etc., não existe unilateralmente pela criança, mas interagindo com as coisas que estão fora dela no mundo. Para Piaget, a criança aprende, compreende e se comporta intelectualmente através de intensas interações com o seu próprio ambiente. O modo dessa interação varia de acordo com

o seu estágio de desenvolvimento.

Santos (2007, p. 11), adverte:

Educar não se limita ao repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele caminho que o professor considera mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros na sociedade. É oferecer várias ferramentas para que possa escolher entre muitos caminhos, aquele que lhe for compatível com seus valores, sua visão de mundo e como as circunstâncias adversas que cada um irá constatar. Educar é preparar para a vida.

Essas afirmações reforçam o papel da escola que extrapola a construção de conhecimentos nas diferentes áreas, mas sobretudo, a socialização do aluno, as relações afetivas, enfim, a formação completa do homem, conforme reafirma Almeida (2002, p. 98):

A escola representa para a criança, a essência de sua formação. Nela o aluno se educa e incorpora conhecimentos novos. As atividades lúdicas, nessa prática educativa tornam-se atividades sérias que auxiliam, enriquecem a incorporação desses conhecimentos sem fazê-los buscar esse conhecimento.

A agressividade se dá através do vínculo entre as pessoas, no caso de crianças em idade escolar, a escola implica também no início do processo de socialização, onde a criança enfrenta uma situação nova, com novas pessoas, e onde se lhe cobram um aprendizado que o levam a que competir com outros meninos nas mesmas condições.

2.3 A DISCIPLINA/INDISCIPLINA NA CONCEPÇÃO BANCÁRIA

Não se pode conceituar disciplina/indisciplina sem mencionar a concepção bancária, muito criticada por Paulo Freire, onde o professor é único agente do conhecimento, transmitindo estes conhecimentos de forma mecânica aos alunos numa relação vertical, considerado o detentor do saber no processo ensino/aprendizagem, onde os alunos esperam passivamente receber estes ensinamentos. “Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante, por isso, denominada bancária”. (FREIRE, 1998, p.58).

A escola como instrumento de transmissão da cultura da classe dominante, acaba discriminando outras manifestações culturais, muito presentes hoje no ambiente escolar. Com isso o aluno se sente excluído, levado a acreditar que sua maneira de viver não é a correta e sim a que a escola transmite. Diminuindo suas perspectivas de um futuro e não tendo mais nada a perder, e por isso contraria todas as normas através de atitudes incômodas que por sua vez são entendidas como indisciplina.

2.4 A DISCIPLINA/INDISCIPLINA NA CONCEPÇÃO PROBLEMATIZADORA

Esta é a concepção proposta por Paulo Freire e denominada por ele como ‘educação problematizadora’. Nesta concepção o diálogo é o principal instrumento no processo educativo libertador, sendo ao mesmo tempo, ação/reflexão/ação, portanto práxis.

Neste processo educativo o professor não é mais a figura central, é o coordenador, que com sua autoridade democrática, junto com os alunos cria um espaço pedagógico interessante e desafiador para a construção do conhecimento significativo.

Nessa perspectiva, a indisciplina escolar não é só representada pelas manifestações ativistas, mas também pelas atitudes passivas dos alunos, pois tanto uma quanto a outra são encaradas como denúncia da insatisfação social e do tipo de educação praticada na escola. (REBELO, 2002, p.51).

Desta forma pode-se dizer que enquanto na educação bancária prevalece a imobilidade social, a educação problematizadora tem seus princípios na mudança e transformação social.

3 RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

Hoje vivemos numa sociedade globalizada, o professor não é mais o detentor do saber, é preciso levar em conta sociais e culturais que os alunos trazem do meio em que estão inseridos, havendo um confronto de opiniões, pois ainda existem profissionais que se colocam em posição de detentores do saber diante dos alunos, não admitindo que esses possam não ser inatos. Os alunos estão mais curiosos e críticos, pois a tecnologia avançada contribui para tal conhecimento. O mundo mudou, estamos na era da globalização e alguns profissionais não se dão conta disso mantendo a forma tradicional de práticas pedagógicas.

A relação professor/aluno é fundamental dentro do processo ensino aprendizagem. Tal relação deve ser marcada por respeito, amizade e cooperação, sem deixar de lado a disciplina e o conteúdo. O relacionamento professor/aluno tem várias abordagens teóricas, muitas vezes influenciados por fatores como; valores sociais e avanços tecnológicos, impossibilitando uma interação nas relações.

Alguns professores acham que a disciplina/indisciplina não é problema deles, que já deveriam encontrar a sala devidamente preparada para sua aula. Pensar assim é desconhecer aos valores pedagógicos que envolvem não só transmitir conhecimento, mas também a

construir conhecimento, o relacionamento interpessoal e a organização da coletividade de sala de aula.

Nesta concepção, Vasconcellos (1998, p. 67) diz que:

O professor precisa assumir sua realidade, seu trabalho e não pensarem que estão em sala de aula apenas num momento de transição, achando que estão ali numa fase passageira, que logo mudarão de emprego, para uma situação melhor, outra escola, novos alunos. Pode-se imaginar como é a relação de tais professores e seus alunos. Não se comprometem, não se envolvem, justificam seus fracassos em cima da responsabilidade dos outros. Que o aluno já chega na escola deformado pela família e pelo sistema sócio-econômico.

O professor deve ser sujeito da história pedagógica de sua sala, não podendo ficar sonhando com alunos ideais, precisa aceitar as individualidades dos seus alunos e propor ações que possam auxiliá-los a adquirirem novos saberes.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Conforme os resultados dos questionários respondidos pelos pais de uma escola municipal de Sinop/MT, 20% admitem que nunca participaram de algum trabalho voluntário na escola de seu filho(a), 10% já participou, 30% participo às vezes, 10% participo sempre e 40% respondeu não ter tempo disponível para esse tipo de atividade.

Na referente escola 30% dos pais dizem não conhecer a escola de seu filho(a) e 70% responderam conhecê-la; 70% dos pais responderam considerar importante a participação da família na vida escolar de seus filhos(as), 10% não consideram importante e 10% consideraram importante a participação da família às vezes.

Questionados se conheciam a filosofia ou método de ensino desenvolvidos pela escola de seus filhos 40% responderam que não conhecem e 60% que conhecem.

Respondendo se foram convidados a participarem do Projeto Político Pedagógico da escola 70% responderam não serem convidados e 30% serem convidados. Para Foucault, (1996, p. 171):

O poder se fortalece não apenas na capacidade de dizer não, da negação, mas necessariamente porque produz o saber, produz o discurso, e nesta rede de funcionamento o exercício do poder, os indivíduos circulam em malhas, ou seja, podem sofrer sua ação quanto exercê-lo. E podendo assegurar o domínio adquirindo um caráter de anônimo e automático.

Em outras palavras, se o poder fosse somente repressivo e para aprisionar, não seria obedecido. Porque existem outros aspectos que fazem com que o poder seja mantido e

(re)criado, o poder induz ao prazer, liberta, forma saber e produz discurso, e é neste sentido que o processo educativo apresenta possibilidade de agir, transformar e (re)criar a práxis pedagógica cotidiana, pois, é necessariamente o saber agir no mundo que nos distinguimos enquanto sujeitos de nossas histórias.

Percebe-se que as escolas ainda cultuam a ideia de disciplina com submissão e o silêncio do aluno ao professor, crianças obedientes sentadas em carteiras ordenadas. Segundo Foucault (1996, p. 15):

Corpos dóceis e manipuláveis, que ao serem controlados para um melhor aproveitamento do tempo e conseqüentemente aumentar a produção e nesse caso, na escola, mais tempo, significa cumprir os conteúdos programáticos e também manter os objetivos ideológicos da sociedade estruturada em classes sociais, domesticando e condicionando o indivíduo desde cedo, impondo os conhecimentos que garantam a mão-de-obra e a permanência da minoria no poder.

Nesse sentido torna-se mais explícito o papel que a escola desempenha na sociedade capitalista; reproduzir a sociedade de classes e reforçar o modo de produção capitalista. O aluno que está na escola, atualmente sofre toda ordem de influências de uma sociedade globalizada, adquirindo novas configurações na sua maneira de ser. Esse aluno, produto de novas relações, novas formas de culturas, novas formas de ver o mundo ditadas pela mídia, pela evolução tecnológica, pelo consumismo, pela violência, pela injustiça social, exige do educador novos olhares e novas posturas.

Os agentes sociais – a igreja, família, escola – não estão com seus governos definidos, vitimando e desorientando o aluno. Estão em uma crise que merece um envolvimento maduro e consciente por parte de todos. Para Vasconcellos (1998, p. 25), “não se trata de descobrir os culpados. As causas da indisciplina estão entrelaçadas com a sociedade, a família, a escola o professor e o aluno. São problemas familiares, carências, influências da televisão, de toda mídia.” Neste contexto, motivados pelo assunto e pela pesquisa, encontramos na obra do autor, elementos para uma reflexão significativa das práticas educativas atuais.

Como desencadear um processo de aprendizado num universo tão diversificado? E o professor? Qual é a sua postura: autoritária, conformada, comprometida, desesperada, desanimada, consciente? Que visão tem de sua ação pedagógica? Repressiva ou liberal? Vê o aluno como um mal necessário e a liberdade como um monstro subversivo e corrosivo, ou tem medo de ser repressor, quer ser legal é exaltar o descompromisso e a falta de atitude? Este último, pelo abandono e pela falta de responsabilidade, disciplina e conteúdo, acaba sendo desmoralizado pelos alunos ‘libertados’. Esses extremos aumentam o descompromisso e o descaso, transformando o movimento educacional num processo destrutivo.

Fica-se empregando as energias pensando em formas de controle dos alunos, ao invés de se pensar em melhores formas de despertar no aluno, projetos que trazem sentidos para o que faz, enfim, formas de participar ativa e conscientemente de seu próprio desenvolvimento (VASCONCELLOS, 1998, p. 59).

Concordamos com o autor nesta reflexão, pois percebemos que na escola é feito um trabalho em cima da indisciplina do aluno, ao invés de ser trabalhado o despertar cognitivo. O professor que apenas quer obter o silêncio tem visão estreita. Os repressores conseguem uma disciplina que se esvai quando os alunos não estão na sua presença. O ideal é mostrar os limites, mas também as possibilidades, de se manter uma sala participativa sem coação.

Vasconcellos (1998, p. 53) nos diz também que “Não se trata de fazer ajustes no velho para que ele permaneça, ao contrário, a perspectiva é dar pequenos passos, mas concretos na nova direção, preparando um salto qualitativo, e fazer com que seja uma mudança significativa”.

Lembramos aqui uma frase de Paulo Freire (1998, p. 79) que diz: “Ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho. Os homens se educam em comunhão, mediados pela realidade”. O ideal seria uma disciplina consciente interativa, marcada por participação, respeito, responsabilidade, construção do conhecimento, formação do caráter e da cidadania.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação aos objetivos de identificar quais são as principais causas que levam a comportamentos dos alunos indisciplinados e como os pais podem vir a tornar-se um meio socializador e integrador da aprendizagem de seus filhos, foi possível perceber que as causas são bastante variadas como: famílias desestruturadas, preocupação com o trabalho deixando a responsabilidade com a escola, a influência do meio social em que o aluno convive, a falta de diálogo e maior participação das famílias na vida do sujeito. Observou-se que existe uma transferência de responsabilidades dos pais para a escola e dos professores para os pais, quando na verdade ambos são responsáveis.

De acordo com as observações realizadas durante a pesquisa de campo, e com a análise das entrevistas dirigidas aos pais e professores, verificamos que em grande parte eles defendem um padrão de comportamento que deve ser obedecido pelos alunos, para que possam mediar o conhecimento e que o aprendizado seja significativo.

Analisando os dados obtidos na pesquisa, pode-se comprovar que as hipóteses levantadas no início, ainda na fase do projeto, foram confirmadas. A indisciplina é na verdade

um comportamento aprendido socialmente e os educadores e pais pouco sabem sobre o que podem ou não contribuir para a solução do problema.

Entendemos que um aluno com comportamento agressivo precisa de ajuda, pois independente da fase pela qual o mesmo está passando, o nível de agressividade deve ser avaliado e acompanhado para se ter noção de sua normalidade.

FAMILY AS A MEANS OF LEARNING SOCIALIZATION AND INTEGRATION OF STUDENTS WITH AGGRESSIVES BEHAVIOURS

ABSTRACT

This research aimed to investigate the factors that stimulate aggressive behavior starting from the child. Justified the relevance of research to understand to be a problem that has worsened in recent times and caring school community. Given the observations in the classroom, questionnaires to parents, we realize there is a concern that the family did not know how to deal with children and their aggressive behaviors. After studies, we conclude that there must be understanding by teachers, it is possible to change that by working in partnership with families, since they have demonstrated their concern, the teacher alone will not get positive results.

Keywords: Learning. Aggressiveness. Student. Family.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.R.P. **História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)**. Brasília: INEP/MEC, 1989.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394/96**. Brasília, 20 de dezembro de 1996.

_____. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 4024/61**. Brasília, 1961.

_____. Senado Federal. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8069. Brasília, 13 de julho de 1990.

ASSUNÇÃO, E.; COELHO, José Maia Tereza. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1997

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Microfísica do Poder**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Salamanca-Espanha, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MIELNIK, Isaac. **O comportamento infantil: técnicas e métodos para entender crianças**. 2. ed. São Paulo: Ibrasa, 1982.

PIAGET, Jean William Fritz. **Aprendizagem e conhecimento**. São Paulo: Freire Bastos, 1974.

REBELO, Rosana Aparecida Argento. **Indisciplina Escolar: causas e sujeitos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTOS, Josivaldo Constantino dos. **Processos Participativos na Construção do Conhecimento em Sala de Aula**. Cáceres: Ed.UNEMAT, 2003.

SINOP. Secretaria de Assistência Social. **LEI – 8.069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente**, 2001.

TRAIN, Alan. **Ajudando criança agressiva: como lidar com crianças difíceis**. Campinas: Papyrus, 1997.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1998.